

Nome: Renata de Souza Gomes

Doutoranda do Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada- UFRJ

Mestre em Linguística Aplicada – UFRJ

Especialista em Supervisão Escolar- UGF

Professora da SME-RJ e FEUC.

Resenha do livro **The Tudor Housewife** de Alison Sim.

O livro *The Tudor Housewife*, de Alison Sim, apresenta ao leitor através de um texto simples e didático as diversas descobertas e curiosidades sobre como viviam as famílias e, sobretudo, as mulheres na Era Tudor. Sim apresenta sua pesquisa sobre as mulheres da Era Tudor de forma tão objetiva e interessante que certamente seu livro atrairia a atenção de um leitor não necessariamente vinculado à área de estudos literários ou históricos. Pois há no texto, exemplos, ilustrações, referências e até mesmo comentários escritos em tom de uma fina ironia, quando, por exemplo, a autora (p.32) relata que havia uma grande preocupação com a educação das mulheres; mas para que elas fossem educadas a serem obedientes e submissas.

Inserida nessa perspectiva de simplicidade textual, mas como riqueza de conhecimento e pesquisa, Sim organiza seu texto a partir dos agradecimentos e da introdução, em capítulos diversos que me atrevo a dizer que parecem seguir a ordem cronológica da vida de uma mulher.

A divisão dos capítulos se inicia com questões acerca do casamento Tudor, onde a mulher deixava de ser unicamente obediente ao pai e passa a obedecer ao marido, e passando pelo momento em que a mulher se torna gestante. Em seguida, aprendemos sobre como as meninas eram educadas, como era feito o trabalho doméstico, bem como era feita a comida e bebida da época. Sim segue para as múltiplas funções que a mulher assumia como curandeira e administradora, lembrando que essas práticas não se dissociavam entre a esfera do privado do que era público, como veremos mais adiante. E por fim, Sim apresenta o aspecto religioso dessas mulheres seguido da conclusão do livro.

Com o propósito de organização textual, essa resenha também seguirá os capítulos propostos por Sim, e aqui apresentados em seções. Com exceção da introdução de Sim que será resenhada a partir desse ponto. Nota-se então, na introdução do livro que Sim realiza uma espécie de ambientação para que o leitor moderno compreenda as vicissitudes da dona de casa da era Tudor e de que forma as famílias viviam, sempre buscando a perspectiva do feminino

dentro desses lares. Portanto, Sim (ix) adverte ao leitor que é preciso distanciar as referências e identidades das mulheres da corte, as *courtiers* e das mulheres que conduziam sua vida de forma habitual e simples na Era Tudor. Visto que as primeiras eram multimilionárias, ao passo que as segundas mulheres representariam a maioria de nós diante das pessoas ricas e modernas dos nossos dias atuais.

Sim (p.x) continua alertando ao leitor sobre como se distanciar no tempo e no espaço para compreender a era Tudor, pois ao dizer, por exemplo, que a limpeza era difícil de ser mantida na casa Tudor, pode parecer um desleixo do morador aos olhos do leitor moderno. No entanto, quando se descobre que as casas eram feitas com uma espécie de tiras de madeira preenchidas com uma mistura de argila, solo, areia, palha e estrume de animais como cavalos¹, e que não havia piso, mas sim chão batido, o leitor moderno compreende o porquê da ausência da limpeza. Esse distanciamento ao qual a autora nos leva quando comparamos a época atual a uma época passada é importantíssimo não só porque nos faz comemorar o progresso e as facilidades do mundo atual, mas como também leva o leitor a vislumbrar a vida de outrora e a cada momento nos surpreendemos no texto. Sim lista algumas dessas surpresas na introdução do texto e as desenvolve em detalhes ao longo dos capítulos. Tal qual a autora, também aqui só apresentarei os tópicos gerais e retorno aos temas ao longo dos capítulos.

Ao falar sobre as construções das casas e da limpeza da mesma, como vimos acima, Sim relata que não havia pouca privacidade nas residências. Era comum, segundo a autora (p.xi) os membros da família dividissem a cama com vários outros membros e que nem mesmo banheiro eles teriam. No lugar do banheiro, os Tudors tinham algo como uma espécie de casa usada pela comunidade no final da rua.

A palavra privacidade só é presente nos círculos das pessoas que possuíam dinheiro. Sim (xi) escreve que o rico além de um pouco mais de privacidade, apresentava em suas casas ricas tapeçarias coloridas presas à parede e jardins com topiarias, estátuas, designs elaborados e pequenas cercas viva. Quanto mais bonitos os jardins e as tapeçarias, mais ricas aquelas pessoas aparentariam ser. Talvez esteja aí a origem dos concursos e exibição de jardinagem que mobilizam até hoje boa parte da população britânica, especialmente em Broadstairs e Candem², por exemplo.

Quanto ao número de casas, famílias, crianças, enfim, a população em geral, Sim (p.xii) escreve que não podemos saber ao certo. Pois o governo não tinha interesse em

¹ Referência para wattle e daub encontrada em http://en.wikipedia.org/wiki/Wattle_and_daub consultada no dia 02 de novembro de 2010

² Concurso de jardinagem promovido através do site www.camden.gov.uk/camdeninbloom

estatísticas. Estima-se a partir dos registros das igrejas que a população estivesse em torno de três milhões de pessoas distribuídas de forma desigual pelos subúrbios londrinos. Alison mais uma vez nos chama atenção para o fato de que é uma falácia o pensamento de que essa população era auto-suficiente. Ou seja, é um engano pensar que por ter uma base agrícola, a população conseguia manter e produzir sua própria alimentação. Muitos itens, tais como roupas, lã e linho, pratos e utensílios de cozinha de madeira precisavam ser comprados, como mostra a autora (p.xii). Além do fato de que a classe mais pobre recebia somente duas libras, que era um salário baixíssimo que obrigava as famílias a produzirem seu próprio alimento.

Diante do quadro de ausência da noção de higiene e pobreza, não é de se estranhar que as doenças se proliferariam e o índice da mortalidade infantil seria alto. Diante disso, Sim (p.xiv) escreve que era moda na época que as pessoas usassem jóias com caveiras ou as pintassem em seus quadros para lembrar que a morte poderia atingir qualquer um independente da classe social.

Um fato que pode chamar a atenção do leitor moderno é que hoje em dia frequentemente associa-se a falta de moradia adequada, fome e sujeira à suspensão da paz e regras de convivência entre a população. No entanto, Sim (p.xv) relata que não havia um regimento policial sequer naquela época, excetuando-se o guarda pessoal do rei. Os Tudors entendiam o mundo como uma hierarquia onde cada um e, cada coisa tinha o seu lugar. Como exemplo de ordem e respeito, o comportamento das crianças é citado como exemplar.

Tal pensamento hierárquico e de estabilidade limitou por certo tempo as descobertas do mundo científico. Pois nenhuma lei entendida como universal ou já consolidada podia ser questionada. Porém, como Alison (xvi) escreve, no final do século a insistência em se modificar o saber médico foi tão intensa que o mundo científico acabou cedendo para que o espírito de pesquisa se expandisse e prosperasse no século XVII.

Adicionando mais itens à lista de setores que prosperaram, vê-se que o comércio também se expandiu deixando a classe média mais rica, educada e confiante (p.xix). E para as outras classes havia a possibilidade de ascensão social (p.xvii). No que se refere às mudanças na religião, havia vozes como a de Martin Luther contra a corrupção da igreja estabelecida e contra muitas de suas práticas. No campo intelectual, a leitura já se tornava um hábito para homens e mulheres. No campo familiar, as relações começam a mudar entre pais e filhos onde a formalidade cedia espaço ao carinho. O casamento infantil também se torna raro e depende do consentimento das próprias crianças.

Contudo, mesmo com mudanças positivas, Alison escreve que pontos negativos perduravam ou se desenvolviam como, por exemplo, um crescimento de ações burocráticas e

queixas judiciais acerca de terras, as horas de trabalho continuavam em demasia e mesmo não havendo muita facilidade nem para homens e nem para mulheres, era a mulher quem sofria mais com a falta de oportunidades e acúmulo de trabalho. Talvez nesse ponto, o leitor moderno possa relacionar questões identitárias femininas atuais às questões da mulher da era Tudor. Ao terminar sua introdução, Sim (xxiv) escreve que o objeto de sua pesquisa é a mulher comum da era Tudor, de quem temos pouco conhecimento. Muito embora, a autora mencione sim aspectos sobre as mulheres de classes mais altas.

Capítulo 1 - Casamento

Estima-se que a população casava-se ainda jovem sob uma estimativa de idade de vinte e seis anos para a mulher e vinte e nove para o homem. Aqueles que se casavam jovens pertenciam à parte rica da população.

Casar significava mais do que a junção entre duas famílias poderosas, o matrimônio significava também aumento nas relações sociais, de convívio e de emprego. Bons contatos como o dos amigos e padrinhos poderiam gerar bons empregos, outros bons casamentos, oportunidade de negócios e etc. Logo, percebe-se que essas relações eram previamente acertadas entre os pais das crianças que não se importavam com o consentimento e vontade das mesmas.

Ao longo do capítulo, Sim cita o exemplo de Elizabeth Paston, oriunda de uma família rica e que era constantemente espancada por se recusar a casar e que acaba se casando escondida com outro pretendente. Já as meninas pobres eram mais livres para escolher, visto que seus pais tinham muito pouco ou quase nada para dar como dote. No entanto, a desvantagem para uma menina pobre é que ela poderia jamais se casar, ou ela poderia ser abandonada pelo marido em meio a épocas difíceis.

Havia livros como *Tell Trothes New Yeares Gift* que advogavam a favor do casamento consentido e não imposto pelos pais. Para os Tudors a palavra ‘amor’ levava ao desengano da ‘paixão’ que era algo que logo desaparecia. Sim lembra que muitas das peças com personagens apaixonadas em Shakespeare levam as personagens ao destempero da morte. Por isso, o casamento deveria ser guiado pelos pais.

Em 1466, Thomas Rokes e Thomas Stronor acordaram o casamento de seus dois filhos na condição de que futuramente os dois filhos poderiam discordar e não prosseguir com o contrato. Ainda no campo de modificações legais e contratuais, Sim escreve que só no século XVI a mulher passava a receber uma espécie de pensão deixada pelo marido. Sim escreve que

a vantagem do recebimento da pensão é que o benefício não geraria briga na divisão dos bens entre outros membros da família.

Saindo das questões legais da viuvez, Sim começa a nos contar sobre as festas de casamento. A noiva tinha seu dote a ser pago à família do noivo. Mas de modo interessante, caso a família do noivo fosse pobre e a família da noiva fosse rica, o noivo e seus parentes é que iriam oferecer serviços à noiva e sua família como forma de pagamento.

As noivas da Era Tudor se vestiam com as melhores roupas que elas tinham para o casamento, no lugar do habitual vestido branco usado hoje em dia. A cerimônia começava com o casal sendo trazido para a igreja por uma procissão. Tradicionalmente os votos de casamento eram feitos na parte externa da igreja. Depois do livro de rezas de Edward VI, o casamento passou a acontecer no interior da igreja. E era nesse momento que tudo que pertencia à noiva passava às mãos do noivo. Os noivos trocavam os anéis, como é feito nas cerimônias tradicionais ainda hoje em dia, sendo que esse anel não era necessariamente de ouro. O anel poderia ser tão humilde quanto o casal que ali estava.

Caso os votos tivessem sido feitos na parte externa da igreja, os noivos entravam na igreja depois para receber a benção. Depois da cerimônia, como símbolo importante de amizade, a bebida era servida para todos. Sim escreve que até mesmo as famílias mais pobres se organizavam para servir vinho e cita o exemplo de uma noiva que se casou com roupas emprestadas, e uma bigorna, que era seu único dote, mas que serviu vinho aos convidados. Já o casamento da população mais rica como o de Lady Howard e Earl of Somerset, em 1671, tinha até mascarada em homenagem aos noivos.

Até 1753 não havia a necessidade de testemunhas para que o casamento acontecesse. Bastava que o casal trocasse promessas e o matrimônio estaria feito, o que gerava muitas brigas depois, quando uma das partes negava que a intenção havia sido feita. Sim diz que mesmo que um casamento fosse clandestino, não era preciso a figura de um padre para celebrá-lo. O que realmente determinava se houve casamento ou não era a consumação do ato sexual e isso se aplicava também ao casamento infantil que seria obrigatório caso as crianças já tivessem o consumado carnalmente.

A preparação para a cerimônia de lua de mel era muito barulhenta e envolvia brincadeiras para que o casal fosse colocado a sós. Sim diz que até mesmo com o forte elemento puritano presente no século XVI esses jogos não foram extintos porque o puritanismo não reprovava a atividade sexual, somente a reprovava se fosse fora do casamento.

Quando acontecia a morte de um dos cônjuges, era comum que o outro se casasse novamente com rapidez, pois independente de sentimentos casamento era mais um negócio. Dessa forma, não sabemos se não havia realmente luto pelo parceiro(a), ou se mesmo de luto, essas pessoas precisavam se organizar financeiramente e socialmente. É deveras importante notar que a ideologia da época pregava que uma mulher, sendo ela solteira, viúva ou casada precisaria de qualquer forma da figura de um protetor masculino.

Capítulo 2 - Nascimento

Ter filhos era a função mais importante da mulher da era Tudor, mas isso não significa que a mulher estaria sempre grávida, muito embora a maior parte das mulheres casadas por volta dos vinte anos continuava a ter filhos até os trinta anos. De acordo com Sim, a mulheres pobres tinham uma criança a cada dois anos, o que totalizava muitas vezes em sete filhos.

Naquela época, não havia teste de gravidez e muitas vezes era difícil determinar se a mulher estava gestante ou não. E mesmo se a mulher se descobrisse gestante havia pouco o que fazer em termos de cuidados de pré-natal. Devido a pouca variedade alimentar, não havia uma dieta específica para a mulher grávida. No entanto, acreditava-se que leite e peixe eram muito insossos e as saladas não eram recomendadas.

Assim como hoje em dia ainda perduram crendices a respeito da gravidez, na era Tudor a crendice se referia o fato de que uma mulher grávida não podia fixar seus olhos em visões feias para não prejudicar a criança. Uma grande fé era colocada nos amuletos, em certas pedras e colares que deveriam ficar entre os seios para que o leite não empedrasse ou para que ela tivesse um bom parto.

A gravidez gerava ansiedades no campo financeiro tanto para a mulher rica quanto para a pobre. As classes mais altas estavam preocupadas em produzir o herdeiro masculino e as classes mais baixas não sabiam o que fazer com as despesas extras. Havia também aquelas mulheres que viam a gravidez como pesadelo. Uma mulher que, por exemplo, tivesse um filho fora do casamento era vista como não confiável. Dessa forma, ela não arrumava emprego. Sendo assim, circulavam inúmeras receitas para que a mulher fizesse o aborto.

No momento do nascimento havia todo um ritual ser seguido. A mulher se recolhia para uma sala preparada para ela com os melhores quadros, tapetes e etc. seis semanas antes do nascimento da criança. Objetos como pratos eram símbolos de status e eram colocados no quarto da mulher rica como símbolo de poder.

Como os registros são escassos, não sabemos ao certo quantas mulheres morriam na hora do parto, mas o nascimento de uma criança poderia durar horas e o medo da morte no parto era muito grande. Pois de acordo com Sim, o parto era uma espécie de evento público e muitas mulheres já haviam visto outras mulheres morrerem nesse momento.

Não havia fórceps e a única forma de trazer a criança que se recusava a nascer era o uso de ganchos de metal, que causava a morte da criança e da mãe. A chamada febre pueril era a causa da morte de muitas mulheres. De modo muito curioso e totalmente diferente do que é feito hoje em dia, Sim escreve que quando a criança nascia ela era literalmente embrulhada em panos de linho dos pés até a cabeça. E essa espécie de embrulho era feita para evitar deformidades na criança e algumas enfermeiras tentavam até alterar o formato do corpo das crianças, caso não agradasse.

No final do período que talvez seja correspondente ao atual resguardo, a mulher recebia visitas de outras amigas mulheres para uma espécie de almoço em volta da cama da mais nova mãe. Havia ainda a cerimônia chamada 'churching', na qual a mulher voltava à igreja para uma espécie de ação de graças e para se purificar e, por conseguinte, ela doava algum dinheiro para a igreja. Esse ritual gerava muita discussão por ser absurda a ideia de que uma mulher tinha que se purificar porque teve um filho e ainda tinha que doar dinheiro à igreja.

Outra crendice da época se refere à amamentação. A mortalidade infantil era grande e não havia muita alternativa para a criança a não ser o leite materno. No entanto, muitas mulheres ricas queriam ter mais filhos, dessa forma, elas não amamentavam e escolhiam amas de leite. Para a escolha dessas amas de leite, selecionava-se alguém que tivesse um temperamento apropriado, pois se acreditava que a criança absorvia o temperamento de quem as amamentava.

Naquela época também já havia livros como *The Byrth of Mankynd*, de Guillemeau, que ensinavam como dar banho na criança, e como limpá-la, além das comidas para o bebê como pão molhado no leite ou água, e coxa de galinha. Raramente uma criança pobre teria acesso a itens caros como açúcar e galinha. Para as crianças pobres, a mesma sopa que alimentava a família era o que o bebê comia. Soma-se a isso outros hábitos que nos soam estranho como, por exemplo, o fato de que os bebês eram amarrados em seus berços e de que era muito caro ter uma babá ou uma ama de leite em casa, dessa forma, as crianças eram levadas para morar na casa da babá.

A autora não faz referência sobre a fonte para a afirmação de que as mulheres pobres concebiam mais facilmente que as mulheres ricas e que, portanto, a mulher rica costumava ter

problemas na gravidez e que até esses problemas, que muitas vezes nem existiam seriam sinais de status. Acredito que tal pensamento deve estar atrelado a algum conceito de dominação do povo da época, pois é um suposto sintoma que identificaria através de uma marca corpórea quem pertencia a uma classe social elevada ou não.

Capítulo 3 - A educação das meninas

Até os sete anos de idade, meninos e meninas pertenciam ao mundo feminino no sentido de que os meninos usavam até os mesmo tipos de roupa das meninas. A educação das crianças era assistemática e responsabilidade da mãe. Esse tipo de educação envolvia a instrução religiosa e levantava questões feitas por pessoas como Thomas Becon, em 1559, em seu livro *The Catechism* sobre a incongruência de uma mãe, que não pode estudar a Bíblia sozinha, mas deve ensinar os textos sagrados aos seus filhos.

Entretanto, esses questionamentos e levantes por uma escola para meninas não se fazia no sentido que hoje seria considerado feminista, mas sim na direção de que as escolas para as meninas deveriam ensiná-las a serem obedientes, boas esposas e fieis.

As crianças ricas já tinham contato com os famosos livros de etiqueta onde eles aprendiam sobre entretenimento, esportes, como conversar, como servir o jantar e etc. O comportamento dessas crianças deveria ser exemplar e a educação para meninos e meninas se diferenciava aos sete anos de idade e sim se além ao estudo da educação para as meninas.

Na educação feminina, uma coisa era certa, fosse mulher rica ou pobre: ambas teriam que saber cuidar da casa e da família. O trabalho da mulher era verificar se o marido estava confortável, se as crianças haviam jantado, se eram obedientes, se os empregados estavam se comportando e trabalhando pesado. As mulheres não podiam frequentar universidades e nem escolas de advogados. Obviamente havia as exceções de mulheres bem educadas e que gerenciavam setores que não o lar, como Elizabeth I e a Margaret, filha de Thomas More.

No livro de Castiglione *The Book of the Courtier*, de 1561, havia uma série de regras para a educação da mulher, como dançar de forma moderada, ser delicada, gentil, modesta e doce a todo o momento. Sim escreve que nenhum trabalho escrito por mulher nessa época sobreviveu, até porque não era de bom tom que a mulher publicasse que não fossem obras religiosas escritas por outrem.

Uma menina rica era educada como os meninos. Eles seriam enviados a casas de pessoas ricas que os instruiriam para se tornarem cavalheiros e damas, o que nos lembra o romance *Great Expectations* escrito por Charles Dickens na era Vitoriana e que retrata mais de perto esse tipo de educação.

Uma menina pobre, por sua vez, aprendia em casa com sua mãe ou freqüentava a escola básica com seus irmãos para aprender a ler e escrever em inglês. O aprendizado de latim e grego se restringia às classes sociais mais altas. Com relação a essa escrita das meninas, deve-se falar em uma espécie de escrita instrumental. Pois elas só aprendiam a escrever para fazer anotações importantes para o marido. Muitas dessas meninas pobres preferiam trabalhar como empregadas domésticas nas casas das famílias ricas por enxergar mais oportunidades nesse meio, já que caso elas se casassem elas recebiam até dotes de seus patrões.

Sim escreve que devido à educação que as mulheres recebiam, elas não se tornaram médicas, advogadas, mas eram excelentes gerenciadoras até mesmo às vistas da nossa moderna concepção de administração, como por exemplo, Lady Margaret que tinha empregados que faziam de tudo, desde pesar lã até colocar o mel em ordem.

Em resumo, a autora escreve nesse capítulo que a mulher do século dezesseis era muito bem educada, mas era uma educação voltada para habilidades práticas e no seio da família, ou no trabalho do marido, já que as esferas entre o trabalho e o privado se misturavam. Sendo assim, a mulher deveria ser de toda forma, obediente e dominada pelo marido.

Capítulo 4 - O trabalho na casa

A autora começa o capítulo discutindo a concepção do adjetivo ‘limpo’. Pois aquilo que é limpo para nós leitores, pode não ser o que os Tudors consideravam como tal. Sim fala de curiosidades como os grandes e luxuosos banheiros que Henrique VIII construiu em Hampton Court e Whitehall e de que para a maior parte das pessoas ter que encher a banheira de madeira com água quente era uma atividade a qual eles não se davam o trabalho de fazer todos os dias.

Sir Hugh Plat, no livro *Delightes for Ladies*, escrevia receitas para um banho delicado como sabonetes importados feitos de óleo de oliva no lugar do sabonete feito à base de gordura animal que era usado no dia-a-dia. Sim também escreve sobre manuais que ensinavam como preparar água para banho, esfoliamento de laranja e alecrim como possíveis ingredientes.

É interessante notar que hoje em dia o sabonete inglês enquanto artigo de venda se tornou um bem de consumo de luxo e por consequência, de valor alto. De acordo com pesquisa feita na internet, o sabão inglês teve origem com Henrique IV ao instituir a casa de banho como um ritual para os cavaleiros. O sabão chegou a um monopólio com preços altíssimos sob o regime de Jaime I, em 1622, e somente em 1895, a Lever Brothers, futura Unilever³, criou um sabonete anti-séptico e cunhou o termo B.O (Body Odour) usado para se referir ao mau cheiro corporal.⁴ O que é importante notar é que a população instintivamente já desenvolvia noções de higiene, como lavar as mãos antes das refeições, até porque muitos comiam com os dedos. A água também era trazida entre um prato e outro porque ninguém queria começar o degustar algo novo com os dedos ainda sujos.

Receitas de vários perfumes eram desenvolvidas com o intuito de mascarar o mau cheiro das pessoas. Os perfumes luxuosos eram importados e apresentavam notas apimentadas como demonstração de riqueza. No verão, o perfume costumava ser doce e também era aplicado aos tecidos para mantê-los o mais limpo possível.

O importante é que a família Tudor já começava a correlacionar sujeira às doenças, já que a noção de bactéria não havia sido descoberta. Sim escreve que Henrique VIII ordenou que todos os aposentos fossem lavados com sabão e varridos todos os dias e que tudo que chegasse até Eduardo VI ainda bebê fosse muito bem limpo.

Sim volta ao que apresentou na introdução do texto nos lembrando que deveria ser difícil limpar uma casa normal da Era Tudor, pois tendo o chão de terra, esse chão não poderia ser lavado e no verão havia poeira. Plástico e porcelana usados hoje em dia são muito mais práticos de serem limpos do que os utensílios de madeira usados por muitas famílias naquela época. Sim lembra também que não havia esgoto e nem saneamento básico. Na verdade, nem ralo para escoar a água havia. Os Tudors usavam um buraco na terra para servir como uma espécie de ralo e muitas plantas eram plantadas ao redor para absorver líquidos e excrementos. Vale a pena comentar que até hoje muitas casas em lugares pobres onde o saneamento básico não chega ainda usam essas mesmas técnicas.

Para organizar o serviço doméstico era preciso abastecer-se de água e só então iniciar a limpeza. Uma planta conhecida no Brasil e nos Açores por cavalinha (*Equisetum telmateia*) era usada para limpar desde pratos até armaduras, também eram usados a areia dos rios e água quente para a limpeza.

³ Em 1929, a Lever Brothers se fundiu com a fábrica de margarina Margarine Unie da Holanda, gerando a Unilever.

⁴ <http://englishsoap.com>

Além da tentativa de limpeza rotineira da casa, havia ainda problemas como os ratos e moscas. Livros sobre assuntos caseiros ensinavam como se livrar desses bichos, mas era um tanto difícil porque métodos como deixar folhas de amieiro no chão para que as moscas fossem pegas ali não surtiam muito efeito.

Começou haver também uma preocupação com a limpeza da roupa de baixo e quanto à limpeza do linho que compunha as roupas. Quanto mais o linho fosse branco, resultado do uso de cloro, e muitas vezes de urina humana - fonte de ácido úrico, que é reduzido a amônia por bactérias - mais se demonstrava que aquela pessoas era rica porque tinha dinheiro para a compra do cloro, ou que aquela pessoas cuidava da limpeza das suas roupas.

Sim relata que uma das maiores complicações do ato de lavar a roupa era como lavar as camisas com bordados, que eram feitas geralmente de seda e vestidas por pessoas ricas. Havia vários livretos que ensinavam como essa peça de roupa deveria ser lavada. Um desses textos instruía que o colarinho, os babados e os bordados na seda ficassem de molho na urina quente por meia hora e depois fervidos em água quente para a roupa não amassar.

O mofo também era grande perigo para as roupas que ficavam guardadas e a pior época segundo Sim era a primavera. Pó de laranja seca e pó de raiz de ênula eram usados para retirar o mofo. Para retirar manchas da roupa a dona de casa Tudor usava água morna com arsênico e algo que Sim só conhece como Mertum Cudum para deixar a roupa de molho. Depois a roupa ficaria no sol por duas horas, e aí se lavava a peça de roupa novamente. Para retirar a gordura da roupa também havia tais receitas como o uso de determinados sabonetes, já promovendo a venda de um em detrimento de outros e água de ervilhas.

Dessa forma, nota-se que ser limpo era realmente uma virtude na era Tudor e que mais uma vez essa virtude era atribuída à mulher. Vale ressaltar também que a vasta literatura produzida na época voltada para o público feminino era relacionada à prática da limpeza doméstica e que é presente até hoje desde propagandas de sabão em pó, onde só mulheres aparecem, até revistas de grandes supermercados que voltam seu texto para a dona de casa e a empregada doméstica.

Capítulo 5 - Comida e bebida

A comida da Era Tudor era simples, tratava-se basicamente de pão e uma espécie de sopa de legumes, com sorte essa teria algum pedaço de carne e mingau. A carne era um alimento caro e nem todos poderiam comê-la todos os dias, dessa forma, eles se alimentavam de aveia e cevada.

O cozimento dos alimentos também era complicado e a produção de pães podia ser problemática, segundo Sim. Visto que nem todas as famílias possuíam forno em casa. Era preciso então levar a massa até uma padaria comunitária que iria cobrar para assar o pão.

É interessante observar que até mesmo o pão, que atualmente é um dos alimentos mais simples e básicos presentes na alimentação de várias culturas, na Era Tudor também era mais um divisor de classes sociais. Pois havia um pão chamado pão de cavalo que era feito com farinha e ervilhas secas e dado como ração aos cavalos, mas consumido pelo homem em época de fome. Havia ainda outro tipo de pão chamado de *maslin*, feito de cevada e centeio e era o início do pão marrom, também alimento das camadas sociais mais baixas porque era ruim para mastigar. O melhor pão, portanto, era o *manchet*, feito com farinha e glúten. O *manchet* era também servido como acompanhamento para pratos finos em jantares elegantes.

Além do trabalho absurdo que era limpar a casa, Sim escreve que a mulher comum da Era Tudor precisava ser exímia cozinheira. Não bastava que ela soubesse cozinhar. Era preciso que ela apresentasse pratos variados em comemorações importantes, incluindo doces. Alguns desses pratos como carne de porco do mato recheada com carne gelatinosa, tortas de carne moída, língua assada, ganso, peru e cisne assados e *fricasees*, não são pratos de fácil preparo até hoje, mesmo com todos os eletrodomésticos disponíveis, além de que são pratos que não nos são tão usuais, além de questões de saúde, se pensar nos níveis de colesterol, por exemplo.

No que se refere aos doces, a dona de casa precisava apresentar criatividade nos pratos que seriam servidos nos banquetes. Pois naquela época, os banquetes eram servidos depois das festas em uma sala isolada somente a convidados especiais. Sim escreve que um desses doces era a marmelada cortada e servida em grossos pedaços.

Determinados alimentos como a manteiga e o queijo eram de vital preservação para o seu consumo no inverno. Sim escreve que o queijo que é hoje conhecido como cheddar já foi o queijo endurecido dado às pessoas pobres e marinheiros como parte de sua dieta. O creme de leite nas casas mais pobres virava manteiga ou era guardado para alguma ocasião especial na qual ele seria cobertura de bolo ou de algum outro doce.

Chama-nos atenção que alimentos que hoje são considerados saudáveis, como já vimos aqui no caso do pão marrom, eram naquela época considerados ruins. Outro exemplo que Sim adiciona à lista é o peixe, visto que há registros de pessoas enjoadas de comer tanto peixe, principalmente porque comer peixe naquela época era uma determinação da igreja.

Outra curiosidade que nos salta aos olhos é o fato de que a família Tudor via na água uma grande porta de entrada para doenças, e a alternativa era beber cerveja ou malte. Uma

dona de casa tinha que saber fazer essas bebidas e produzi-las várias vezes ao dia em grande quantidade. Sim comenta que não é de estranhar porque muitas mulheres pobres trabalhavam em casas equipadas para a produção de cerveja. E se notarmos, até hoje grandes marcas de cerveja, sobretudo européias, ainda fazem uso da figura da mulher que prepara a destilação da cerveja. A cidra só era consumida em Devon e Herefordshire onde havia grande produção de maçã, e naquela época, comprar e vender vinho já se tratava de uma arte.

Sim termina o capítulo dizendo que naquela época a mulher também tinha saídas para o trabalho árduo como hoje em dia. Pois em determinados casos, ela podia comprar a comida pronta em casas alimentícias. No entanto, diante da escassez de dinheiro, podemos imaginar que esse alívio para a mulher não deveria ser tão frequente quanto ela gostaria.

Capítulo 6 - A dona de casa como médica

A medicina da Era Tudor se baseava na cura através dos quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Acreditava-se que o desregulamento entre esses elementos causava doenças. Eram desenvolvidas então, algumas receitas para guiar os tratamentos. Assim como havia manuais práticos para a cozinha, *Castel Health* escrito por Sir Thomas Elyot se tornou um *best seller* na área da medicina por ter sido escrito em inglês e não em latim, que era o idioma usada para comunicações científicas. Dessa forma, o povo que não era conhecedor da língua latina, poderia ter acesso aos conhecimentos medicinais de Elyot.

Além dos quatro elementos, era preciso também ser um bom conhecedor de astrologia. Acreditava-se que a posição das estrelas dominava certas partes do corpo a tal ponto que um bom médico não poderia curar se não observasse os astros. Curiosamente, as fases da lua, que são comentadas até hoje por serem indicadoras de mudanças nas marés, no crescimento de plantas e até cabelo humano e causa alterações no humor humano, já era considerada na era Tudor como um importante fator de interferência na saúde.

Antes de 1512, os médicos eram apotecários e barbeiros - cirurgiões e os remédios eram exóticos, como o uso do dente de marfim, por exemplo. Quanto mais exótico era o remédio, mais se acreditava no seu poder da cura e que esse remédio fosse afrodisíaco. Depois de 1512, somente médicos formados em Oxford e Cambridge bem como bispos licenciados pelas dioceses poderiam praticar a medicina.

Sim escreve que é muito difícil ter registro de mulheres, profissionais médicas naquela época. Muitas mulheres humildes praticavam noções medicinais através do uso das ervas e de

ensinamentos de mãe para filha. Muitas dessas mulheres aparecem nos registros dos tribunais para a condenação de bruxaria.

Para Sim, a mulher sábia local, ou a bruxa exerceu um papel de sua importância não só para as pessoas locais, mas como também para descobertas na esfera dos médicos formados. Como exemplo, podemos citar que essas mulheres descobriram o uso da planta beladona (*Atropa belladonna*) para inibir as contrações uterinas diante de um aborto em eminência. Paracelsus, o médico pioneiro o uso de drogas farmacêuticas no século XVI se disse impressionado com essas mulheres, e ele lamentava que elas tivessem sido queimadas como bruxas. Como as mulheres não podiam frequentar o espaço universitário, elas ou aprendiam a manipular ervas e eram taxadas como bruxas, ou aplicavam os conhecimentos advindos dos médicos e atuavam dentro de casa na função de enfermeira ao cuidar dos doentes. Sim conclui que as mulheres da Era Tudor não foram pioneiras na medicina, mas certamente contribuíram muito para seu desenvolvimento.

Capítulo 7 - A mulher e a vida de negócios

As mulheres da Era Tudor desempenhavam um importante papel na vida econômica, mesmo considerando que elas eram educadas para serem humildes e submissas. No século XVI, como já foi dito aqui anteriormente, o trabalho acontecia muito dentro de casa, não havendo separação entre o lar e o ambiente de trabalho. Para exemplificar, Sim escreve que mulheres produziam cerveja para o uso doméstico, mas que vendiam a cerveja também para os mercados.

No continente europeu formavam-se as guildas, que eram organizações reguladoras das condições de trabalho, de aprendizagem e ajudavam as famílias nas épocas difíceis. As guildas mais poderosas de Londres eram a Fishmongers e a Goldmiths. Para uma mulher participar efetivamente das guildas era preciso que ela fosse casada com um dos membros dela. Ao passo que quando seu marido falecia, ela poderia ocupar o lugar do marido na guilda. Mas se o novo marido pertencesse a um negócio contrário ao do marido falecido, a mulher tinha que deixá-la. Vemos assim que infelizmente mais uma vez o papel da mulher era definido diante do seu posicionamento ao marido.

Os trabalhos que as mulheres desempenhavam se dava através da ocupação de cargos como o de empregada doméstica e lavadeira. Nem todas moravam na casa dos patrões e elas eram frequentemente mal pagas em vista do que os homens recebiam. As mulheres viúvas se beneficiavam pelo fato de que elas podiam fazer negócios ou movimentar dinheiro, ao passo

que as mulheres solteiras, por exemplo, sofriam por ter que torcer (do inglês *spin*) a lã crua e daí que surge o termo *spinster*, que é o termo pejorativo para a mulher que não se casou.

Muitas mulheres encontravam algum espaço, ou ao menos procuravam por ele, ao administrar os negócios do marido. Na ausência do marido, elas poderiam estabelecer contratos, fazer acordos e etc. Sim explica, portanto, que as mulheres não eram excluídas da vida comercial, mas tinham suas chances reduzidas a quase nada.

Capítulo 8 - A religião

Para Sim, a religião na Inglaterra estava sempre atrelada à vida política. Dependendo da crença de quem estivesse no poder, fosse Henrique VIII, Elizabeth I ou o próprio Cromwell, não só as mulheres, mas como toda a população sofria as consequências e precisava se adequar ao que o poder monárquico ordenava.

Houve uma época em que até mesmo os amuletos usados na hora do parto, e que já foram aqui descritos, foram proibidos, deixando as mulheres atônitas, já que era uma tradição de mãe para filha e elas realmente acreditavam no poder daquele objeto.

Com a passagem do Catolicismo para o Anglicanismo, muitos conventos foram destruídos e muitas mulheres foram desabrigadas, visto que para uma menina pobre, entrar para o convento era uma ótima solução e uma alternativa ao casamento. Outras meninas também se ocupavam em traduzir os textos religiosos para o inglês. Sim escreve que esse trabalho de tradução dos textos religiosos era visto em sua essência como um trabalho feminino.

As mulheres eram também mecenas e empregava homens gerando empregos. No entanto, o marido é que era responsável por ela, talvez numa tentativa de infantilização da mulher.

Conclusão

Sim conclui que a mulher ideal da Era Tudor, de acordo com a literatura da época, deveria ser casta, obediente, silenciosa e humilde. Elas não poderiam nunca expressar suas vozes em público. Felizmente, mulheres como a Condessa de Shrewbury e Catreine Willoughby foram mulheres que transgrediram os códigos. A primeira, se casando várias vezes e essa tornando-se a mulher mais rica de Londres, e a segunda após ter se casado com

alguém abaixo de sua posição social. Sim segue mais uma vez exemplificando atitudes transgressoras também em Elizabeth Paston, como ela já vinha fazendo ao longo do livro.

Sim escreve que infelizmente pelo fato de que essas mulheres não sabiam escrever ou ler não temos muitos registros e muito ainda de suas vidas se torna para nós ainda um mistério. E enquanto leitores nós somos contaminados pelo texto e paixão pela pesquisa de Alison Sim sobre a vida dessas mulheres.

Bibliografia:

SIM, Alison. **The Tudor Housewife**. Stroud, Gloucestershire: Sutton Publishing, 2005